

~~ELES QUEREM QUE EU ME ESQUEÇA~~
~~EU SEMPRE ME LEMBRAREI~~



~~DESAFIA-ME~~

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

TAHEREH MAFI

UNIVERSO DOS LIVROS

Material com direitos autorais

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M161d

Mafi, Tahereh

Desafia-me / Tahereh Mafi ; tradução de
Monique D'Orazio. -- São Paulo : Universo
dos Livros, 2019.

304 p. (Estilhaça-me, 5)

ISBN: 978-85-503-0449-6

Título original: Defy me

1. Ficção norte-americana I. Título II.

D'Orazio, Monique

19-1329

CDD 813.6

Kenji

Ela está gritando.

Ela só está gritando palavras, penso. São apenas *palavras*. Mas ela está gritando, gritando a plenos pulmões, com uma agonia que parece quase um exagero, e está causando uma devastação que eu nunca soube ser possível. É como se ela tivesse simplesmente... implodido.

Não parece real.

Quero dizer, eu sabia que Juliette era forte – e sabia que ainda não tínhamos descoberto o alcance de seus poderes –, mas nunca imaginei que ela fosse capaz disso.

Disto:

O teto está se dividindo no meio. Correntes sísmicas estão ribombando pelas paredes, através do chão, tiritando meus dentes. A terra treme debaixo dos meus pés. Pessoas estão congeladas no lugar, tremendo, e o salão vibrando ao redor delas. Os lustres oscilam com força demais e as luzes bruxuleiam agourentas. E então, com uma última vibração, três dos gigantescos lustres desprendem-se do teto e se estilhaçam no chão.

Cristal voa para todo lado. A sala perde metade de sua luz, banhando o espaço cavernoso em um brilho bizarro, e de repente é difícil enxergar o que está acontecendo. Olho para Juliette e a vejo fitar tudo aquilo, boquiaberta, congelada

diante da devastação, e percebo que ela deve ter parado de gritar um minuto atrás. Ela não consegue deter nada disso. Ela já colocou a energia no mundo, e agora...

A energia tem de ir para algum lugar.

Os tremores se propagam com fervor renovado pelas tábuas do assoalho, subindo pelas paredes e assentos e pessoas.

Não acredito até que vejo o sangue. Parece falso, por um segundo, todos os corpos caídos nas cadeiras com o peito aberto como as asas de uma borboleta. Parece ensaiado – como uma piada de mau gosto, como uma produção de teatro amador, mas, quando vejo o sangue, grosso e pesado, vazando pelas roupas e pelos estofados, pingando de mãos congeladas, sei que nunca vou me recuperar disso.

Juliette acabou de assassinar seiscentas pessoas de uma só vez.

Não existe recuperação para isso.

Aos empurrões, percorro os espaços entre os corpos – silenciosos, petrificados, ainda respirando – dos meus amigos.

Ouçó as lamúrias suaves e insistentes de Winston e a resposta constante e encorajadora de Brendan dizendo que o ferimento não é tão feio quanto aparenta, que ele vai ficar bem, que ele já passou por coisa pior e sobreviveu...

E sei que minha prioridade agora precisa ser Juliette.

Quando a alcanço, pego-a em meus braços, e seu corpo frio e passivo me lembra daquela vez em que a encontrei parada sobre Anderson, uma arma apontada para o peito dele. Ela estava tão apavorada – *tão surpresa* – pelo que havia feito que

mal conseguia falar. Ela parecia ter desaparecido dentro de si mesma em algum lugar – como se tivesse encontrado um pequeno compartimento em seu cérebro e se trancado dentro dele. Levei um minuto para convencê-la a sair.

Ela nem sequer havia matado ninguém daquela vez.

Tento alertá-la, fazê-la recuperar o juízo, implorando agora que volte a si, que retorne às pressas para a própria mente, para o momento presente.

– Sei que tudo está uma loucura agora, mas preciso que você saia desse estado, J. Acorde. Saia da sua cabeça. Temos que dar o fora daqui.

Ela não pisca.

– Princesa, por favor – digo, sacudindo-a um pouco. – Temos que ir... *agora...*

Ela ainda não se mexe. Chego à conclusão de que não tenho escolha a não ser levá-la eu mesmo. Começo arrastando-a para trás. Seu corpo inerte é mais pesado do que eu esperava, e ela emite um pequeno ruído ofegante que é quase um choramingo. O medo incendeia meus nervos. Faço um sinal afirmativo com a cabeça para Castle e os outros para seguirem, para irem em frente sem mim, mas, quando olho em volta, procurando Warner, percebo que não consigo encontrá-lo em lugar nenhum.

O que acontece em seguida arrebatava o ar dos meus pulmões.

O salão tomba. Minha visão escurece, clareia e então escurece só nos cantos em um momento de vertigem que mal dura um segundo inteiro. Sinto-me fora do prumo. Tropeço.

E então, de uma só vez...

Juliette se foi.

Não figurativamente. Ela literalmente se foi. Desapareceu. Um segundo e ela está nos meus braços, no seguinte, estou agarrando o ar. Pisco e giro no lugar, convencido de que estou enlouquecendo, mas, quando observo a sala, vejo o público começar a se contorcer. As camisas estão rasgadas e os rostos, arranhados, mas ninguém parece morto. Em vez disso, começam a se levantar, confusos, e, assim que começam a andar arrastando os pés, alguém esbarra em mim com força. Levanto o olhar e vejo Ian, me xingando, me dizendo para me mexer enquanto ainda temos uma chance, e tento empurrá-lo, tento dizer que perdemos Juliette – que não vi Warner –, e ele não me ouve. Apenas me força a seguir, a descer do palco, e, quando o murmúrio da plateia se torna um grito, sei que não tenho escolha.

Tenho que ir.

Warner

*- Vou matá-lo - ela diz, as mãozinhas se fechando em punhos. -
Eu vou matá-lo...*

- Ella, não seja boba - digo, e saio andando.

*- Um dia - diz ela, correndo atrás de mim, os olhos brilhantes de
lágrimas. - Se ele não parar de machucar você, eu juro que eu vou
matá-lo. Você vai ver.*

Dou risada.

- Não é engraçado! - ela grita.

Viro e olho para ela.

- Ninguém pode matar meu pai. É impossível matá-lo.

*- Não é impossível matar ninguém - ela afirma. Eu a ignoro. - Por
que a sua mãe não faz nada? - diz ela, e agarra meu braço.*

Quando encontro seus olhos, ela parece diferente. Assustada.

- E por que ninguém o detém?

*Os ferimentos nas minhas costas já não são recentes, mas, de
alguma forma, ainda doem. Ella é a única pessoa que sabe sobre
essas cicatrizes, sabe o que meu pai começou a fazer comigo no meu
aniversário dois anos antes. No ano passado, quando todas as
famílias vieram nos visitar na Califórnia, Ella havia entrado com
tudo no meu quarto, querendo saber para onde Emmaline e Nazeera
havam ido, e ela me pegou olhando minhas costas no espelho.*

*Implorei a ela que não contasse a ninguém o que vira, e ela
começou a chorar dizendo que tínhamos de contar para alguém, que*

ela iria contar para a mãe dela, e eu disse: “Se você contar para a sua mãe, só vou me encrencar ainda mais. Por favor, não diga nada, tá? Ele não vai mais fazer isso”.

Mas ele fez de novo.

E, desta vez, com mais raiva. Ele disse que agora eu tinha sete anos e já não tinha mais idade para chorar.

– Temos que fazer alguma coisa – ela diz, e sua voz treme um pouco. Outra lágrima escorre pela lateral de seu rosto e, rapidamente, ela a enxuga. – Temos que contar para alguém.

– Pare – eu digo. – Não quero falar mais sobre isso.

– Mas...

– Ella. Por favor.

– Não, nós temos que c...

– Ella – digo, interrompendo-a. – Acho que tem algo errado com a minha mãe.

O rosto dela muda. Sua irritação se vai.

– O quê?

Por semanas, eu me senti apavorado de dizer as palavras em voz alta, de tornar meus medos reais. Mesmo agora, sinto meu coração acelerar.

– O que você quer dizer? – pergunta ela. – O que há de errado com ela?

– Ela está... doente.

Ella pisca para mim. Confusa.

– Se sua mãe está doente, podemos curá-la. Meus pais podem fazer isso. Eles são muito inteligentes, eles sabem resolver qualquer coisa. Tenho certeza de que também vão conseguir resolver o problema da sua mãe.

Estou sacudindo a cabeça, meu coração agora acelerado,

palpitando nos ouvidos.

- Não, Ella, você não entendeu... Eu acho que...

- O quê? - Ela pega minha mão. Aperta de leve. - O que foi?

- Acho que meu pai a está matando.

Kenji

Estamos todos correndo.

A base não fica longe daqui, e nossa melhor opção é ir a pé. Contudo, quando chegamos ao ar livre, nosso grupo – eu, Castle, Winston, o ferido Brendan, Ian e Alia – fica invisível. Alguém grita um “Valeu” sem fôlego na minha direção, mas não sou eu que estou fazendo isso.

Meus punhos se fecham com força.

Nazeera.

Esses últimos dias com ela têm feito minha cabeça girar. Eu nunca deveria ter confiado nela. Primeiro, ela me odeia, depois me odeia ainda mais e, de repente, decide que não sou um imbecil e quer ser minha amiga. Não posso acreditar que caí nessa. Não consigo acreditar que sou tão idiota assim. Ela me manipulou todo esse tempo. Essa menina simplesmente aparece do nada, usa magia para imitar exatamente a minha habilidade sobrenatural e então – bem quando ela finge ser a melhor amiga da Juliette –, sofremos uma emboscada no simpósio e Juliette meio que assassina seiscentas pessoas?

Até parece. Chamo isso de papo furado.

Até parece que foi algum tipo de coincidência.

Juliette foi ao simpósio porque *Nazeera* a encorajou a ir. *Nazeera* convenceu Juliette que era a coisa certa a se fazer. E então, cinco segundos antes de Brendan ser baleado, *Nazeera*

me diz para fugir? Me diz que temos os mesmos poderes?

Papo furado.

Não acredito que me permiti ser distraído por um rostinho bonito. Eu deveria ter confiado em Warner quando ele me disse que ela escondia alguma coisa.

Warner.

Caramba. Nem sei o que aconteceu com ele.

No minuto em que voltamos para a base, nossa invisibilidade desvanece. Não sei afirmar com certeza se isso significa que Nazeera seguiu o próprio rumo, mas não podemos diminuir o ritmo a fim de descobrir. Rapidamente, projeto uma nova camada de invisibilidade sobre o grupo. Tenho que sustentá-la por tempo suficiente para nos levar a um lugar seguro, e só estar de volta à base não é seguro o suficiente. Os soldados vão começar a fazer perguntas e, neste momento, não tenho as respostas de que precisam.

Eles vão ficar zangados.

Seguimos nosso caminho, como um grupo, até o décimo quinto andar, até nosso lar na base, no Setor 45. Warner acabou de finalizar essa construção para nós. Ele havia tirado tudo do piso superior para transformá-lo em nosso novo quartel-general – não havíamos nem nos acomodado direito – e as coisas já tinham ido por água abaixo. Não consigo nem me permitir pensar nisso agora, não ainda.

Sinto até náusea.

Assim que nos reunimos em nossa maior sala comunitária, faço uma contagem de cabeças. Todos os integrantes originais restantes do Ponto Ômega estão presentes. Adam e James

aparecem para descobrir o que aconteceu, e Sonya e Sara ficam por perto apenas o suficiente para colher informações antes de levarem Brendan de maca para a ala médica. Winston desaparece pelo corredor atrás deles.

Juliette e Warner nunca aparecem.

Rapidamente, compartilhamos nossas versões do que vimos. Não demora muito para confirmarmos que todos testemunhamos basicamente a mesma coisa: sangue, confusão, corpos assassinados e depois... uma versão um pouco menos sangrenta da mesma coisa. Ninguém parece tão surpreso pela reviravolta nos eventos quanto eu fiquei, porque, de acordo com Ian, “Coisas sobrenaturais esquisitas acontecem por aqui o tempo todo, isso não é tão esquisito assim”, mas mais importante:

Ninguém viu o que aconteceu com Warner e Juliette.

Ninguém além de mim.

Por alguns segundos, nos encaramos. Meu coração bate acelerado, pesado no peito. Sinto que eu poderia pegar fogo, me incendiar de indignação.

Negação.

Alia é a primeira a falar:

– Vocês não acham que eles estão mortos, acham?

– Provavelmente – diz Ian.

E eu levanto com um salto.

– PAREM. Eles não estão mortos.

– Como você pode ter certeza? – pergunta Adam.

– Eu saberia se eles estivessem mortos.

– O quê? Como v...

– Eu simplesmente saberia, tá? – interrompo-o. – Eu

saberia. E eles não estão mortos. – Respiro fundo para me acalmar. – Não vamos surtar – continuo, o mais calmo possível. – Tem que existir uma explicação lógica. As pessoas não simplesmente *desaparecem*, né?

Todos olham fixo para mim.

– Vocês sabem o que eu quero dizer – me exalto, irritado. – Todos nós sabemos que Juliette e Warner não iriam, tipo, fugir juntos. Eles nem estavam se falando antes do simpósio. Então faz mais sentido que eles tenham sido sequestrados. – Faço uma pausa. Olho em volta de novo. – Certo?

– Ou mortos – diz Ian.

– Se você continuar falando desse jeito, Sanchez, posso garantir que pelo menos uma pessoa *vai* morrer esta noite.

Ian suspira pesado.

– Escuta, não estou tentando dar uma de imbecil. Eu sei que você era próximo deles, mas vamos ser realistas: eles não eram tão próximos do restante de nós. E talvez esse fato me torne menos empenhado nessa situação toda, mas também me mantém com a cabeça mais fria.

Ele espera, me dando uma chance de responder.

Não respondo.

Ian suspira de novo.

– Só estou dizendo que talvez você esteja deixando as emoções encobrirem o seu bom senso neste momento. Sei que você não *quer* que eles estejam mortos, mas a possibilidade de que estejam *realmente* mortos é, tipo, muito alta. Warner era um traidor do Restabelecimento. Não me surpreende que eles não o tentaram matar antes. E a Juliette... Quero dizer, isso é óbvio, né? Ela assassinou Anderson e se declarou a

governante da América do Norte. – Ele ergue as sobrancelhas em um sinal de compreensão. – Aqueles dois estão com alvos nas costas há meses.

Aperto os maxilares. Relaxo. Aperto novamente.

– Então – Ian diz baixinho. – Temos que ser inteligentes quanto a isso. Se eles estiverem mortos, precisamos pensar nos nossos próximos passos. Para onde vamos?

– Espere... o que você quer dizer? – pergunta Adam, sentando-se mais para a frente. – Que próximo passo? Você acha que temos que sair daqui?

– Sem Warner e Juliette, não acho que estejamos seguros aqui. – Lily pega a mão de Ian em uma demonstração de apoio emocional que faz com que me sinta violento. – Os soldados fizeram aliança com eles dois; em especial com a Juliette. Sem ela, não acho que vão nos seguir para lugar nenhum.

– E, se o Restabelecimento assassinou a Juliette – acrescenta Ian –, eles com certeza estão apenas começando. Vão vir reclamar o Setor 45 a qualquer segundo. Nossa melhor chance de sobrevivência é primeiro considerar o que é melhor para a nossa equipe. Já que somos os próximos alvos óbvios, acho que deveríamos dar o fora. Logo. – Uma pausa. – Talvez até mesmo esta noite.

– Cara, você está maluco? – Desabo em uma cadeira com força demais, sentindo que eu poderia começar a gritar. – Não podemos apenas dar o fora. Temos que procurar por eles. Precisamos planejar uma missão de resgate agora mesmo!

Todos simplesmente me encaram. Como se eu é que tivesse enlouquecido.

– Castle, senhor? – digo, tentando, mas fracassando em

evitar o toque ferino na minha voz. – Quer participar da conversa?

Porém, Castle se encolheu em sua cadeira. Ele está olhando para o alto, na direção do teto, para o nada. Ele parece atordoado.

Não tenho chance de pensar muito nisso.

– Kenji – Alia diz baixinho. – Sinto muito, mas Ian está certo. Acho que não estamos mais seguros aqui.

– Não vamos embora – Adam e eu falamos ao mesmo tempo.

Giro no lugar, surpreso. Raios de esperança disparam dentro de mim, rápidos e fortes. Talvez Adam sinta mais por Juliette do que deixa transparecer. Talvez Adam vá surpreender a todos nós. Talvez ele enfim pare de se esconder, pare de se acovardar nos bastidores. *Talvez*, penso, Adam esteja de volta.

– Obrigado – digo, e aponto para ele em um gesto que diz para todos:

Estão vendo? Isso é lealdade.

– James e eu não vamos mais fugir – diz Adam, seus olhos tornando-se frios enquanto fala. – Vou entender se vocês tiverem que partir, mas James e eu vamos ficar aqui. Eu era um soldado do Setor 45. Vivi nesta base. Talvez eles me deem imunidade.

Enrugo a testa.

– Mas...

– James e eu não vamos embora – Adam repete. Alto. Em tom definitivo. – Vocês podem fazer seu plano sem nós. De qualquer forma, estamos encerrando a noite. – Adam se

levanta e se vira para o irmão. – É hora de nos preparar para a cama.

James olha fixo para o chão.

– James – chama Adam, um tom suave de aviso em sua voz.

– Quero ficar e ouvir – diz James, cruzando os braços. – Você pode ir para a cama sem mim.

– *James...*

– Mas tenho uma teoria – diz o menino de dez anos. Ele pronuncia a palavra “teoria” como se fosse novinha em folha para ele, como se fosse um som interessante em sua boca. – E quero contar para o Kenji.

Adam parece tão tenso que a rigidez em seus ombros está *me* deixando estressado. Acho que não estava prestando atenção o suficiente nele, porque não percebi até este momento que Adam parece muito mais do que cansado. Ele parece destruído. Como se pudesse desabar, se partir ao meio a qualquer momento.

Do outro lado da sala, James cruza o olhar com o meu: seus olhos arredondados e ansiosos.

Suspiro.

– Qual é a teoria, rapazinho?

O rosto de James se ilumina.

– Eu só estava pensando: talvez toda aquela matança de mentira fosse, tipo, uma distração.

Arqueio uma sobrancelha.

– Como se alguém quisesse sequestrar Warner e Juliette – diz James. – Sabe? Como você disse agora há pouco. Causar uma cena que fosse a distração perfeita, certo?

– Bem, sim – respondo, e franzo as sobrancelhas. – Eu acho.

Mas por que o Restabelecimento precisaria de uma distração? Quando eles já guardaram segredos sobre o que eles querem? Se um comandante supremo quisesse levar Juliette ou Warner, por exemplo, poderiam simplesmente aparecer com uma tonelada de soldados de merda e pegar quem quisessem?

– Olha a boca! – diz Adam, ofendido.

– Foi mal. Cortem a palavra *merda* dos registros.

Adam balança a cabeça. Ele parece capaz de me estrangular. James, porém, está sorrindo, e isso é o que importa.

– Não. Não acho que eles fossem fazer assim, não com tantos soldados – James responde, com olhos azuis brilhantes.

– Não se eles tivessem alguma coisa para esconder.

– Você acha que eles teriam alguma coisa a esconder? – intervém Lily. – De nós?

– Não sei – responde James. – Às vezes as pessoas escondem coisas. – Ele lança um olhar de uma fração de segundo para Adam quando diz isso, um olhar que faz meu pulso acelerar com medo, e estou prestes a responder, quando Lily fala antes de mim:

– Bem, é possível. Mas o Restabelecimento não tem um longo histórico de se importar com fachadas. Eles pararam de fingir se importar com a opinião pública há muito tempo. Passam por cima das pessoas pelas ruas só porque estão a fim. Acho que não estão preocupados em esconder coisas da gente.

Castle dá risada, alto, e todos giramos no lugar para encará-lo. Fico aliviado de enfim vê-lo reagir, mas ele ainda parece perdido em sua mente, em algum lugar. Ele parece estar com raiva. Realmente nunca vi Castle ficar com raiva.

– O Restabelecimento esconde muita coisa da gente – ele diz, incisivo. – E deles mesmos. – Depois de respirar fundo, demoradamente, por fim se levanta. Sorri para o menino de dez anos de forma um pouco cautelosa. – James, você é mesmo muito sábio.

– Obrigado – responde James, piscando para ele.

– Castle, senhor? – digo, minha voz saindo mais dura do que eu pretendia. – Poderia nos dizer, por favor, que diabos está acontecendo? Está sabendo de alguma coisa?

Castle suspira. Esfrega a barba por fazer em seu queixo com a palma da mão.

– Está bem. Nazeera – diz ele, virando-se na direção de nada, como se falasse com um fantasma. – Vá em frente.

Quando Nazeera aparece, materializando-se do próprio ar, não sou o único irritado. Certo, talvez eu seja o único irritado.

Mas todos os outros, pelo menos, parecem surpresos.

Estão fitando-a, entreolhando-se, e, então, todos eles – *todos eles* – se viram e olham para mim.

– Cara, você sabia disso? – Ian pergunta.

Faço uma careta.

Invisibilidade é o que *eu* faço. O que eu faço, droga.

Ninguém nunca disse que eu tinha que dividir essa habilidade com ninguém. Especialmente não com alguém como Nazeera, uma mentirosa, manipuladora...

Linda. Um ser humano lindo.

Merda.

Eu me viro e fico olhando para a parede. Não posso me deixar ser distraído por ela. Nazeera sabe que estou a fim – minha queda por ela é óbvia e evidente para todos dentro de

um raio de quinze quilômetros, de acordo com Castle – e ela claramente tem usado minha idiotice para tirar vantagem.

Inteligente. Respeito a tática.

Porém, isso também significa que tenho que manter a guarda levantada quando ela está por perto. Chega de ficar encarando. Chega de ficar sonhando acordado por ela. Chega de pensar em como ela olhou para mim quando sorriu. Ou na forma como ela riu, como se fosse uma risada sincera, na mesma noite em que gritou comigo por fazer perguntas sensatas. O que, diga-se de passagem...

Não acho que eu seja louco por me perguntar em voz alta como a filha de um comandante supremo poderia se safar depois de usar um véu ilegal. Depois, ela me explicou que usa o véu como um símbolo, de vez em quando, mas que não pode usá-lo o tempo todo porque é ilegal. Quando apontei isso, Nazeera fez um inferno para mim. E depois me desprezou por ficar confuso.

Eu *ainda* estou confuso.

Ela também não está cobrindo o cabelo agora, mas ninguém parece ter registrado esse fato. Talvez já a tenham visto assim. Talvez todos além de mim já tenham tido essa conversa com ela, já tenham ouvido a história sobre usar o véu como um símbolo, de vez em quando.

De forma ilegal, quando o pai dela não estava olhando.

– Kenji – ela diz, e sua voz é tão incisiva que olho para cima, direcionando-lhe um olhar intenso a despeito das minhas próprias ordens explícitas de manter os olhos fixos na parede. Bastam apenas dois segundos de contato visual e meu coração se trai sozinho.

Aquela boca. Aqueles olhos.

– Sim. – Cruzo os braços.

Ela parece surpresa, como se não estivesse esperando me ver contrariado, e não me importo. Ela deveria saber que estou irritado. Quero que ela saiba que a invisibilidade é uma coisa minha. Que sei o quanto sou mesquinho e não me importo. Além disso, não confio nela. E digo mais: qual é a dessas filhas de comandantes supremos sendo todas lindas? É quase como se fizessem de propósito, como se fizessem esses filhos em tubos de ensaio ou alguma merda assim.

Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos.

Cuidadosamente, Nazeera diz:

– Acho de verdade que você deveria se sentar para ouvir isso.

– Estou bem assim.

Ela franze a testa. Por um segundo, parece quase ofendida, mas, antes que eu tenha uma chance de me sentir mal a respeito disso, ela encolhe os ombros. Vira as costas.

E o que diz em seguida me parte ao meio.

Juliette

Estou sentada em uma cadeira laranja no corredor de um prédio mal iluminado. A cadeira é feita de plástico barato, as arestas ásperas e sem acabamento. O chão é revestido de um linóleo brilhante que vez ou outra gruda na sola dos meus sapatos. Sei que estou respirando alto demais, mas não consigo evitar. Sento nas minhas mãos e balanço as pernas debaixo do assento.

Bem nessa hora, um menino entra no meu campo de visão. Seus movimentos são tão discretos que só o percebo ali quando ele para bem diante de mim. Ele se inclina na parede oposta à minha, os olhos focados em um ponto à distância.

Observo-o por um momento.

Ele parece ter a minha idade, mas está vestindo um terno. Existe algo de estranho nele; é tão pálido e rígido que parece quase morto.

- Oi - digo, e tento sorrir. - Você quer se sentar?

Ele não retribui meu sorriso. Nem sequer olha para mim.

- Prefiro ficar em pé - responde em voz baixa.

- Tudo bem.

Ambos ficamos em silêncio por algum tempo.

Por fim, ele diz:

- Você está nervosa.

Balanço a cabeça afirmativamente. Meus olhos devem estar um pouco vermelhos de chorar, mas eu estava esperando que ninguém fosse perceber.

- Você também está aqui para conseguir uma família?

- Não.

- Ah. - Desvio o olhar. Paro de balançar as pernas. Sinto meu lábio inferior tremer e eu o mordo, forte. - Então por que você está aqui?

Ele dá de ombros. Vejo-o observar brevemente as três cadeiras perto de mim, mas ele não faz um esforço de se sentar.

- Meu pai me fez vir.

- Ele fez você vir aqui?

- Fez.

- Por quê?

Ele olha fixo para os sapatos e fecha a cara.

- Não sei.

- Você não deveria estar na escola?

E então, em vez de me responder, ele pergunta:

- De onde você é?

- Como assim?

O menino ergue o olhar nesse momento e encontra o meu pela primeira vez. Ele tem olhos muito incomuns. São de um verde-claro, límpido.

- Você tem um sotaque - diz ele.

- Ah - respondo. - Sim. - Olho para o chão. - Nasci na Nova Zelândia. Era lá que eu vivia até minha mãe e meu pai morrerem.

- Sinto muito em saber disso.

Faço que sim. Balanço as pernas de novo. Estou prestes a fazer outra pergunta quando a porta no fim do corredor finalmente se abre. Um homem alto de terno azul-marinho sai de lá. Ele está carregando uma valise.

É o sr. Anderson, meu assistente social.

Ele dá um enorme sorriso para mim.

- Está tudo certo para você. Sua nova família está morrendo de vontade de te conhecer. Temos mais algumas coisas para fazer antes que possa ir, mas não vai demorar mui...

Não consigo aguentar mais.

Começo a chorar bem ali, em cima do vestido novo que ele comprou para mim. Os soluços sacodem meu corpo, lágrimas pingam na cadeira laranja, no chão pegajoso.

O sr. Anderson apoia a valise e dá risada.

- Querida, não tem por que chorar. Hoje é um grande dia! Você deveria estar feliz!

Mas não consigo falar.

Sinto-me presa, presa ao assento. Como se meus pulmões tivessem colado um no outro. Consigo acalmar o choro, mas o soluço volta de repente e as lágrimas escorrem silenciosas pelas minhas faces.

- Eu quero... eu quero voltar para c-casa...

- Você vai para casa - diz ele, ainda sorrindo. - A questão é essa.

E então...

- Pai.

Olho para cima ao som da voz dele. Tão baixa e séria. É o menino de olhos verdes. O sr. Anderson, percebo, é o pai dele.

- Ela está assustada - diz o menino. E, embora esteja conversando com o pai, ele está olhando para mim. - Ela está muito assustada.

- Assustada? - O sr. Anderson olha de mim para o filho, e então de novo. - Assustada por quê?

Esfrego o rosto. Tento, mas não consigo parar as lágrimas.

- Qual é o nome dela? - o menino pergunta. Ele ainda está me observando, e, desta vez, fito o garoto. Há algo nos olhos dele, alguma coisa que faz com que eu me sinta segura.

*- Esta é Juliette - diz o sr. Anderson, e olha para mim. - Trágica -
ele suspira. - Exatamente como Julieta.*

Kenji

Nazeera estava certa. Eu deveria ter me sentado.

Olho para minhas mãos, observando um tremor se espalhar pelos meus dedos. Quase deixo cair a pilha de fotos que estou segurando. As fotos. As fotos que Nazeera passou entre os presentes depois de nos dizer que Juliette não é quem pensamos que é.

Não consigo desviar o olhar.

Uma garotinha morena e uma garotinha branca correndo em um campo, ambas com sorrisinhos de dentes minúsculos, cabelos longos voando ao vento, pequenas cestas cheias de morangos oscilando em seus cotovelos.

Nazeera e Emmaline na horta de morangos, está escrito no verso.

A pequena Nazeera está sendo abraçada por duas garotinhas brancas, uma de cada lado. As três estão rindo tanto que parecem prestes a cair.

Ella, Emmaline e Nazeera, está escrito.

Um close de uma garotinha sorrindo para a câmera, seus olhos enormes e azuis esverdeados, mechas compridas de cabelos castanhos macios emoldurando seu rosto.

Ella na manhã de Natal, está escrito.

– *Ella Sommers* – diz Nazeera.

Ela diz que o nome verdadeiro de Juliette é Ella Sommers, irmã de Emmaline Sommers, filha de Maximillian e Evie Sommers.

– *Alguma coisa está errada* – diz Nazeera. – Alguma coisa está acontecendo – continua. Explica que acordou há seis semanas lembrando-se de Juliette... desculpe, Ella...

– Lembrando dela. Eu estava *lembrando* dela, o que significa que eu a tinha esquecido. E, quando me lembrei de Ella – continua –, eu me lembrei de Emmaline também. Eu me lembrei de como tínhamos crescido todas juntas, como nossos pais eram amigos. Eu me lembrei, mas não entendi, não de imediato. Achei que talvez eu estivesse confundindo sonhos com memória. Na verdade, as memórias voltaram a mim tão lentamente que pensei, por um tempo, que poderia estar alucinando.

Ela diz que era impossível se livrar das “alucinações”, como ela chamou, então começou a vasculhar, começou a procurar informações.

– Descobri a mesma coisa que vocês. Que aquelas duas meninas chamadas Ella e Emmaline foram doadas para o Restabelecimento e que apenas Ella foi tirada da custódia deles, então Ella recebeu um outro nome. Foi realocada. Adotada. Mas o que vocês não sabiam era que os pais que abriram mão das filhas também eram membros do Restabelecimento. Eram médicos e cientistas. Vocês não sabiam que Ella, a menina que vocês conheceram como Juliette, é a filha de Evie Sommers, a atual comandante suprema da Oceania. Nós crescemos juntas. Ela, como nós, as

outras crianças, fomos construídas para servir o Restabelecimento.

Ian solta um palavrão, alto, e Adam fica tão atônito que nem reclama.

– Isso não pode ser possível – diz Adam. – Juliette... A menina com quem estudei? Ela era... – Ele balança a cabeça. – Conheço a Juliette há anos. Ela não foi feita como você ou Warner. Ela era uma menina quieta, tímida e doce. Ela sempre era tão *boazinha*. Nunca quis machucar ninguém. Tudo o que desejava era se conectar com as pessoas. Ela estava tentando *ajudar* aquele garotinho no mercado. Mas então a situação... acabou tão mal e ela foi sugada para dentro de toda essa bagunça e tentei – ele diz, parecendo repentinamente distraído. – Tentei ajudá-la, tentei mantê-la segura. Eu queria protegê-la disso. Eu queria...

Ele se interrompe e se recompõe.

– Ela não era assim – afirma, e agora está olhando para o chão. – Não até começar a passar todo aquele tempo com Warner. Depois que o conheceu, ela apenas... Não sei o que aconteceu. Ela se perdeu, pouco a pouco. Acabou se tornando outra pessoa. – Ele ergue o olhar. – Mas ela não foi feita para ser assim, não como você. Não como Warner. Não tem como ela ser filha de uma comandante suprema... Ela não é uma assassina nata. Além disso – continua, respirando fundo –, se ela fosse da Oceania, teria um *sotaque* de lá.

Nazeera inclina a cabeça para Adam.

– A garota que você conhecia sofreu um grave trauma físico e emocional – diz ela. – Teve as memórias nativas removidas à força. Ela foi enviada para o outro lado do mundo como um

espécime e convencida a viver com pais adotivos abusivos que arrancaram a vida dela. – Nazeera balança a cabeça devagar. – O Restabelecimento, Anderson, em particular, fez com que Ella nunca se lembrasse do motivo pelo qual estava sofrendo, mas não se lembrar do que havia acontecido não mudava o fato de ter acontecido. Um bando de monstros se revezou para usar e abusar repetidamente do corpo dela. E essas merdas deixam marcas.

Nazeera encara Adam.

– Talvez você não entenda – diz ela. – Eu li todos os relatórios. Invadi todos os arquivos do meu pai. Encontrei *tudo*. O que eles fizeram com Ella ao longo de doze anos é *indescritível*. Então, sim, tenho certeza de que você se lembra de uma pessoa muito diferente, mas não acho que ela tenha se tornado alguém que não era. Meu palpite é que ela enfim reuniu forças para se lembrar de quem sempre foi. E, se você não consegue entender isso, fico feliz que as coisas não tenham dado certo entre vocês dois.

Em um instante, a tensão na sala é quase sufocante.

Adam parece estar em chamas. Como se fogo pudesse literalmente sair por seus globos oculares. Como se esse pudesse ser seu novo superpoder.

Reencontro minha voz. Forço-me a dizer alguma coisa – qualquer coisa – para quebrar o silêncio.

– Então vocês, *hã*, todos vocês sabiam sobre Adam e Juliette também, certo? Eu não sabia que vocês sabiam disso. *Hã*. Interessante.

Nazeera vira-se lentamente no assento e me olha nos olhos.

– Você está brincando? – ela pergunta, me encarando como

se eu fosse um grande idiota.

Acho que é melhor não insistir.

– Onde conseguiu essas fotos? – Alia pergunta, mudando de assunto com mais habilidade do que eu. – Como podemos confiar que elas são reais?

No início, Nazeera apenas a observa. Quando fala, parece resignada:

– Não sei como convencer vocês de que as fotos são reais. Só posso dizer que são.

O silêncio cai sobre a sala.

– E por que você se importa? – questiona Lily. – Por que devemos acreditar que você se importa com isso? Sobre Juliette... sobre *Ella*? O que você tem a ganhar ao nos ajudar? Por que trairia seus pais?

Nazeera se recosta na cadeira.

– Sei que todos vocês acham que os filhos dos comandantes supremos são um bando de psicopatas despreocupados e amorais, felizes em ser os robôs militares que nossos pais queriam que fôssemos, mas nada é tão simples e direto assim. Nossos pais são maníacos homicidas decididos a governar o mundo; essa parte é verdade. Só que a parte que ninguém parece entender é que nossos pais *escolheram* ser maníacos homicidas. Nós, por outro lado, fomos forçados a ser. E só porque fomos treinados para ser mercenários não significa que gostamos disso. Nenhum de nós teve a chance de escolher esta vida. Nenhum de nós gostava de aprender a torturar antes de aprender a dirigir. E não é loucura imaginar que às vezes até mesmo as pessoas horríveis estão procurando um caminho para sair da própria escuridão.